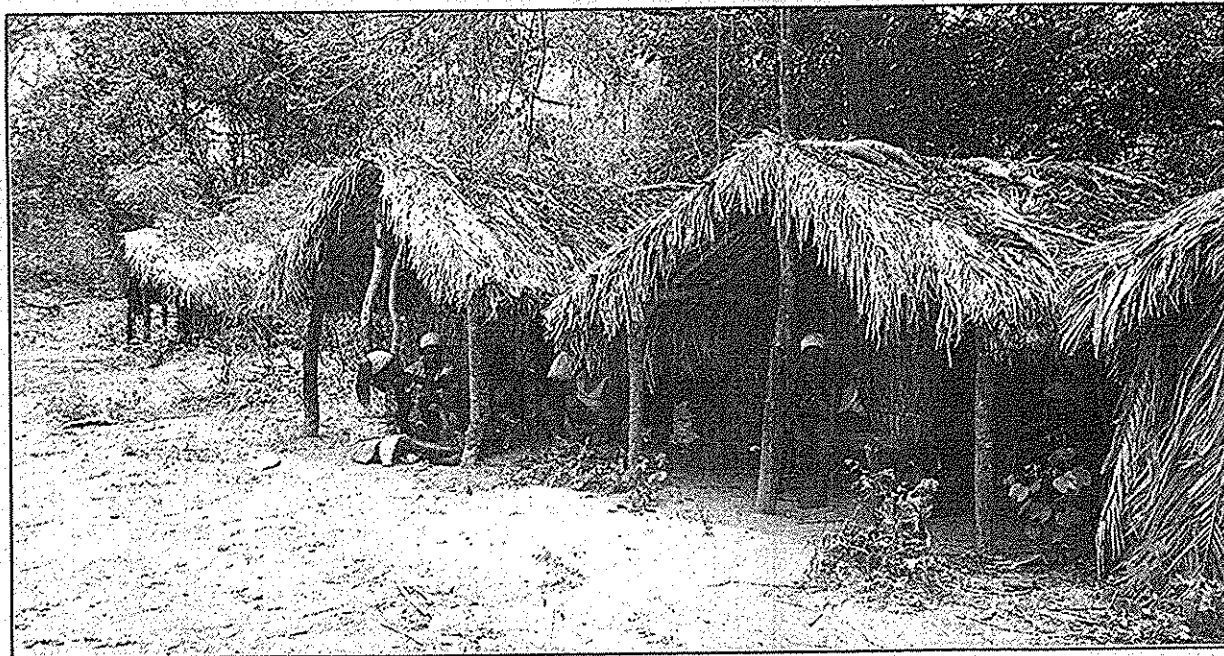


# Escravidão ainda dá medo

BRASÍLIA — O início do trabalho de demarcação está provocando sentimentos contraditórios nos Kalungas. A maioria aprova a demarcação e considera necessária a construção de estradas e escolas. Mas um grupo, liderado pelos Kalungas mais velhos e influenciado pelos fazendeiros, ainda tem medo de que a aproximação dos brancos traga de volta a escravidão.

Apesar do isolamento em que viveram nos últimos 200 anos, os Kalungas têm importantes lições a dar aos homens das cidades: no quilombo, mesmo sem saneamento básico os rios têm águas cristalinas, que são usadas para beber, tomar banho e lavar roupa. Os dejetos, inclusive das crianças, são depositados longe. O trabalho agrícola é coletivo e o resultado da colheita é partilhado. Embora cada família seja responsável por um pedaço de roça, a produção é dividida igualmente.

Os desentendimentos dentro do quilombo só começaram a ocorrer a partir de interferências externas. Em 1991, depois de reconhecer por lei o quilombo como sítio de valor histórico,



As casas do povoado kalunga: sem portas e com teto de palha, para não deixar entrar o calor

o Governo de Goiás distribuiu títulos de propriedade de lotes a 200 famílias do lado direito do Rio Paranã, no município de Monte Alegre, e a 300 famílias do lado esquerdo, em Cavalcante. A titulação, feita de modo

aleatório, provocou pela primeira vez disputas por terra os Kalungas. Alguns venderam seus lotes para brancos, que agora têm o direito de deixar as terras, mesmo dispondo de papéis registrados em cartório. Houve transações

em dinheiro também entre os negros. Para evitar novos problemas, o presidente do Idago, Durval Mota, vai pedir ao cartório para não registrar transações imobiliárias dentro do quilombo. (R.ET.)

## CORPO-A-CORPO

Manoel Edeltrudes Moreira, líder kalunga

### ‘Vamos ter direito de saber o que é nosso’

BRASÍLIA — Desde 1982, quando começaram os contatos com os brancos, Manoel Moreira, de 34 anos, é o encarregado de reivindicar progresso para o quilombo. Já esteve no Congresso duas vezes para encontros das comunidades negras e é o único que sabe ler e escrever, mesmo sem jamais ter frequentado uma escola.

**O GLOBO — Por que o povo Kalunga resistiu à aproximação com os brancos durante anos?**  
**MANOEL —** Antigamente os mais velhos tinham muito medo de que os brancos só quisessem to-

mar nossas terras e obrigar os Kalungas a trabalhar de novo para eles. Mas hoje não têm mais como ficar isolado. Permanecer nesse isolamento dá desgosto porque todo mundo quer ver o filho estudar.

**O GLOBO — Como você aprendeu a ler?**

**MANOEL —** Quando saía daqui, pedia aos outros para me ensinar o ABC. Queremos que as crianças estudem, mas não dá para botar um filho para andar uma légua (seis quilômetros) ou mais nessas serras até chegar à escola.

**O GLOBO — Os Kalungas aprovam a demarcação das terras?**

**MANOEL —** É mais uma força para afastar os grileiros. Agora vamos ter direito de dizer que é nosso porque sabemos até onde vai.

**O GLOBO — A titulação dos lotes pode criar problemas entre os Kalungas. Não é melhor o trabalho coletivo?**

**MANOEL —** A roça é a mesma, mas cada um planta o seu pedaço.